

Esporte universitário

GEORGIOS HATZIDAKIS

University sport

After the very first university sports association was founded in the United States in 1905, similar associations were developed in Hungary, Poland, Germany, Sweden, and Norway. In Brazil university students themselves initiated sports practices at Mackenzie College (São Paulo), at the Faculdade de Medicina e Cirurgia (Medical School) in Rio de Janeiro, and at the traditional Escola Politécnica do Rio de Janeiro (Polytechnic School of Rio de Janeiro) at the end of the 19th century. Mackenzie College

Definições e origens Esporte Universitário pode ser definido, em princípio, como "...uma forma de esporte institucional que oferece atividade física para os membros da universidade/faculdade. Enquanto que a maior parte dos esportes oferecidos são recreativos, existem também esportes competitivos nos quais os estudantes podem participar através de competições amistosas e competições estaduais (promovidas pelas federações universitárias) e nacionais, promovidas pela CBDU” (Barbanti, 1994). Mais simplificadaamente, diz-se que o “esporte universitário é um fenômeno social que supre as necessidades de intercâmbio e integração física, cultural e social dos universitários” (Hatzidakis, 1993). Por sua vez, Coelho (1984) afirma que “o esporte universitário é um esporte de formação, cuja função principal é social, visando o bem estar do estudante universitário. É impossível negar a contribuição do desporto acadêmico para aproximação do ser humano, de seu relacionamento, do incentivo ao coleguismo, ao espírito de coletivismo e também ao incentivo à formação de novas lideranças”. Tais interpretações não são mutuamente exclusivas, em oposição às formas de prática observadas no Brasil que se apresentam como: (a) Esporte Universitário de Rendimento, praticado por alunos selecionados dentro de cada Instituição de Ensino Superior-IES, com objetivo de participar de competições inter-universidades, inclusive em campeonatos oficiais das Federações Universitárias Estaduais e pela Confederação Brasileira de Desportos Universitários-CBDU (por vezes considerado com Esporte da Universidade); (b) Esporte Universitário de Participação, praticado por qualquer aluno, de modo voluntário, sem qualquer tipo de seleção, seja em competições internas ou atividades esportivas recreativas com outros alunos, visando a integração dos praticantes na plenitude da vida social, na promoção de saúde e da educação (também considerado com Esporte do Universitário); (c) Esporte Universitário Educacional, praticado nas IES por meio da Educação Física Curricular ou nas Entidades Acadêmicas Esportivas (Associações Atléticas Acadêmicas, Clubes Acadêmicos, Departamentos Esportivos de Centros ou Diretórios Acadêmicos), com a finalidade de alcançar o desenvolvimento integral e a formação para a cidadania e o lazer.

Segundo a CBDU (1991) a primeira competição universitária de nível internacional reconhecida pela Federação Internacional do Desporto Universitário–FISU, foi a regata de remo entre as Universidades de Oxford x Cambridge na Inglaterra, realizada a partir de 1829. Também a competição de remo entre as Universidades de Keyiu x Wazeda de Tóquio, a partir de 1905, é reconhecida como uma das mais tradicionais e antigas competições entre acadêmicos. ORMEZZANO (1996) afirma que a primeira associação de esportes universitários foi fundada em 1905 nos Estados Unidos, seguida pelo nascimento sucessivo das associações da Hungria, Polônia, Alemanha, Suécia e Noruega. No Brasil, a prática desportiva entre universitários, sempre foi iniciativa dos próprios universitários, segundo COELHO (1984), surgindo no final do século XIX, no College Mackenzie (São Paulo), na Faculdade de Medicina e Cirurgia (Rio de Janeiro) e na antiga Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Em 1900, o College Mackenzie disputou campeonatos de futebol e outros esportes com seus times formados por estudantes, sendo que a maioria dos integrantes de equipes como o Flamengo, Fluminense e Botafogo (todos do RJ) era de estudantes universitários. Estes antecedentes marcaram a tradição do Esporte Universitário no exterior e no Brasil, cujos fatos de memória podem ser reunidos resumidamente como se segue.

1916 Neste ano começaram as primeiras disputas interestaduais entre São Paulo e Rio de Janeiro, envolvendo equipes de universitários.

students in teams of various sports, particularly soccer, participated in championships against teams of several clubs in 1900. After Federação Atlética dos Estudantes (Athletic Students' Federation - FAE) was founded in Rio de Janeiro-RJ in 1933, various other similar institutions started to be created in other states. The 1ª Olimpíada Universitária do Brasil (First Brazilian University Students Olympic Games) took place in São Paulo-SP in 1935. The first sports university academic institution at national level

1919 Funda-se em Estrasburgo, França, a Confederação Internacional dos Estudantes-CIE.

1923 Na França foi realizada a primeira edição dos Jogos Mundiais Universitários.

Década de 1930 No Brasil, em 1933, fundou-se a Federação Atlética dos Estudantes-FAE, no Rio de Janeiro-RJ, atualmente Federação de Esportes Universitários do Rio de Janeiro-FEURJ, e em 1934, a Federação Universitária Paulista de Esportes-FUPE. Em 1935, iniciou-se uma das mais tradicionais competições entre universidade, a MAC-MED (Mackenzie x Faculdade de Medicina, ambas de SP), bem como foi realizada a 1ª Olimpíada Universitária do Brasil, na cidade de São Paulo-SP. Em 1939, foi fundada a primeira entidade acadêmica esportiva universitária em nível nacional, a Confederação Universitária Brasileira de Esportes-CUBE.

1934 Em São Paulo, a fundação da FUPE coincidiu com a fundação da Universidade de São Paulo-USP. Sob a presidência do então acadêmico Constâncio Vaz Guimarães, do Centro Acadêmico XI de Agosto (Faculdade de Direito de São Paulo) e representantes do Grêmio “Politéchnico” (Escola “Politechnica”), Centro do Instituto de Educação e Centro da Escola de Medicina e Veterinária, foi realizada a assembléia de fundação da FUPE, tendo sido considerados também fundadores- apesar de não estarem presentes nessa reunião- o Centro Acadêmico “Oswaldo Cruz” da Faculdade de Medicina de São Paulo, Centro Acadêmico “Luiz de Queiroz” da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” e o Centro Acadêmico da Faculdade de Pharmacia e Odontologia de São Paulo. A FUPE teve papel destacado no Esporte Amador paulista, tendo sido inclusive fundadora de outras Federações, tais como a de Futebol de Salão.

1941 Emissão da primeira regulamentação do “Desporto Universitário Nacional”, por meio do Decreto-Lei 3617 (Governo Getúlio Vargas) que, além de instituir oficialmente a CBDU, criou as Associações Atléticas Acadêmicas, ligadas aos Centros Acadêmicos. O dispositivo legal obrigava as Universidades e IES a construírem e montarem praças esportivas, constituindo tal exigência uma das condições para autorização e reconhecimento federal, além de instituir oficialmente os JUB’s (Jogos Universitários Brasileiros).

1945 Logo após a 2ª Guerra Mundial, criou-se na cidade de Praga a União Internacional dos Estudantes-UIE, dividindo a direção do esporte estudantil no mundo e praticamente extinguindo a CIE.

1949 Em Merano, na Itália, foi fundada a Federação Internacional do Esporte Universitário-FISU que em 1959 organizou a primeira “Universiade”, que contou com a participação de muitos países membros da UIE, provocando a reunificação da direção do Esporte Universitário. Este, a partir dessa data, teve grande desenvolvimento em nível mundial, sendo que hoje a “Universiade” detém a segunda maior mídia televisiva do esporte amador, sendo superada somente para os Jogos Olímpicos.

1975 No Brasil, a Lei 6.251 desvincula dos Centros Acadêmicos a prática e a organização do Esporte Universitário, obrigando a criação da Associações Atléticas Acadêmicas como entidades autônomas e únicas entidades formadas por alunos a poder organizar o esporte dentro das IES.

1990 Neste ano, houve um fato marcante na história do Esporte Universitário no Brasil: a inauguração do Centro Esportivo

was founded in 1939: the Confederação Brasileira de Esportes Universitários (Brazilian University Sports Confederation - CBDU). Today the CBDU puts together 27 Federações Esportivas Universitárias Estaduais (State Sports University Federations) and organizes the Jogos Universitários Brasileiros (Brazilian University Games–JUBs), with the participation of 4,000 athletes from the whole country. These Games are among the most important multi-sports championships of Brazil and of the world.

Universitário “Paulo Roberto Trivelli” da FUPE, sendo esta a segunda Federação Esportiva no Brasil a ter um Centro Esportivo próprio.

Décadas de 1980 – 1990 Neste período, diversas Universidades por todo o Brasil usam o Esporte como estratégia de Marketing. Na década de 1980 a Universidade Gama Filho (RJ) patrocinou diversos alunos-atletas individuais do atletismo e a Universidade Metodista de Piracicaba–UNIMEP (SP) patrocinou uma equipe de Basquetebol Feminino. Já na década de 1990 a Universidade Luterana do Brasil–ULBRA (RS) e a Universidade Bandeirante de São Paulo–UNIBAN (SP) retomaram os investimentos de Universidades nos Esportes, mantendo equipes em diversas modalidades, sem necessariamente serem os atletas alunos da instituição, mas com objetivo de divulgação. Foram seguidas por outras como a Universidade Mackenzie (SP), Universidade de Guarulhos–UNG (SP), Universidade de Três Corações– UNINCOR (MG), Universidade de Araraquara–UNIARA (SP), Universidade do Sul de Santa Catarina–UNISUL (SC), Universidade Salgado de Oliveira–UNIVERSO (RJ). Este impulso inicial deu como resultado em 1998, a criação em São Paulo-SP da Liga de Esportes das Universidades Brasileiras – LEUB, que reuniu Universidades que têm por objetivo obter retorno de mídia através do Esporte Universitário.

Situação atual A liberdade de organização oferecida pela Lei nº 8.672/93 (“Lei Zico) e posteriormente pela Lei nº 9.615/98 (“Lei Pelé”), pouco modificou a estrutura criada desde 1941 para o Esporte Universitário. As Associações Atléticas Acadêmicas (denominadas de A.A.A.s) são as entidades básicas de organização do Esporte Universitário na maioria das IES, constituindo-se nos centros diretamente responsáveis pela prática esportiva no âmbito destas Instituições, podendo ou não ser dirigidas por Acadêmicos. As IES que não possuem A.A.A.s são representadas em competições oficiais pelos seus Centros Acadêmicos e Departamentos de Educação Física. As A.A.A.s também promovem competições universitárias, tais como MAC-MED, PAULI-POLI, Inter-MED, Inter-FARMA, Inter-Odonto, Jogos Jurídicos, entre outras. As Federações Universitárias Estaduais são as entidades responsáveis por todas as atividades desportivas universitárias praticadas dentro dos Estados que representam, sendo filiadas à CBDU, que em virtude de seus estatutos, aceita somente uma representante por Estado. A CBDU é entidade responsável pela prática do Esporte Universitário em todo o território nacional, sendo filiada à Federação Internacional do Esporte Universitário-FISU. Esta entidade maior, após um período de reorganização no início da década de 1990, em virtude da total dependência de verbas públicas, voltou a promover anualmente os Jogos Universitários Brasileiro-JUB’s, além da participação bienal nas Universiades, Jogos Mundiais Universitários, e anual, em campeonatos mundiais universitários isolados.

A CBDU é constituída por 27 Federações Esportivas Universitárias Estaduais que formam a Assembléia Geral, órgão máximo da Entidade, que elege a diretoria com 10 membros e mandato de quatro anos. Tem sede própria em Brasília-DF. O maior evento esportivo promovido pela CBDU são os Jogos Universitários Brasileiros, os JUBs. Com a participação de 4.000 (quatro mil) atletas de todo o País, os JUBs estão entre os campeonatos multi-desportivos mais importantes do Brasil e do mundo. Os Jogos Universitários Brasileiros são realizados a cada ano em uma cidade diferente e disputados em sete modalidades obrigatórias (atletismo, basquete, vôlei, handebol, futsal, judô e natação) e até cinco opcionais, indicadas pelo Comitê Organizador da cidade-sede. Até o ano de 1998 os JUBs eram disputados pelas Seleções Universitárias Estaduais, organizadas pelas Federações Universitárias Estaduais. A partir de 1999, os JUBs passaram a ser

disputados por Instituições de Ensino Superior-IES. A CBDU também organiza Campeonatos Brasileiros Universitários, geralmente nas modalidades que não participam dos JUBs. Tanto os Jogos Universitários Brasileiros quanto os Campeonatos Brasileiros Universitários são abertos a todas as IES e a seus alunos de 17 a 28 anos de idade. O registro dos estudantes nessas competições deve ser efetuado na CBDU pelas IES, por meio das Federações dos Estados.

Fontes Barbanti, V. J. Dicionário de educação física e do esporte. São Paulo: Editora Manole Ltda, 1994; BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Física e Desporto. Uma nova

política para o desporto brasileiro. Brasília, 1985; CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS UNIVERSITÁRIOS. Desporto Universitário: Perfil e proposta de Reformulação. Brasília: 1991; CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS UNIVERSITÁRIOS. Site da Entidade. www.cbdu.com.br; COELHO, S. L. Cópia da palestra proferida em mesa redonda sobre alocação de recursos públicos para o esporte promovida pelo CENDEC - Centro de Treinamento para o Desenvolvimento Econômico. Rio de Janeiro: CBDU, 1984; FEDERAÇÃO UNIVERSITÁRIA PAULISTA DE ESPORTES – 1º Livro de atas do Conselho de Representantes da FUPE. Iniciado em 18/9/1934 e Terminado em 12/5/48; Hatzidakis, G. S. Perfil da

atividade esportiva principal de atletas universitários participantes de competições esportivas universitária oficiais. Monografia UNIFEC São Caetano do Sul, 1993; Marinho, I. P. História da Educação Física no Brasil. São Paulo: Cia. Brasil Editora, s/d; Melo Filho, Á. Nova lei do desporto – comentada. Rio de Janeiro: Forense, 1994 e "Lei Pelé": comentários à lei no 9.615/98. Brasília: Livraria e Editora Brasília Jurídica, 1998; MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Lei no 6.251. Brasília: Departamento de Documentação e Divulgação, 1976; Ormezzano, G.P. UNIVERSIADE round and about. Ages Arti Grafiche, 1996; Passos, S. C. E. (organizadora) et alli. Educação Física e Esportes na Universidade. Brasília: Editora da UNB, 1988.

Novas tendências do patrocínio esportivo nas universidades brasileiras, 2003

New trends of sport sponsorship in Brazilian universities, 2003

No dia 3 de junho de 2003, a Universidade de Araraquara-SP virou manchete de diversos meios de comunicação. O destaque era dado à sua equipe de basquete masculino que, na noite anterior, conseguira um feito inédito. Ao derrotar o Vasco da Gama-RJ, um dos favoritos ao título do Campeonato Nacional, o time chegava pela primeira vez à fase final da principal competição dessa modalidade no país. Além dos jogadores e da comissão técnica, os responsáveis pelo marketing da UNIARA eram os que mais comemoravam a façanha: o nome da universidade tornava-se conhecido nacionalmente. Assim como a UNIARA, outras instituições de ensino superior no Brasil aprenderam a fazer do esporte um meio de promover sua marca. Hoje, muitas apóiam financeiramente equipes e atletas, resolvendo o problema do patrocínio, um dos principais obstáculos no desenvolvimento de esportes menos populares que o futebol, e criando um espaço a mais de publicidade. Fernando Soares Mauro, pró-reitor administrativo da UNIARA contabiliza que para chegar à final, a TV Bandeirantes transmitiu seis jogos da equipe. Para cada partida, houve aproximadamente duas horas de exposição da marca, o que representa cerca de R\$ 1,5 milhão de investimento.

Essa quantia, que teria sido gasta em duas horas, seria 25 vezes maior do que o investimento recebido mensalmente pela equipe. Em 1998, a UNIARA era apenas uma equipe formada por alunos e que disputava a série A-2 do Campeonato Paulista, a segunda divisão do basquete. Quando passou para a divisão principal, no ano seguinte, a entidade teve campanhas ruins durante duas temporadas, sem conseguir se classificar entre os cinco primeiros. A arrancada aconteceu no ano passado, com a mudança da comissão técnica. Primeiro foi o vice-campeonato paulista, em janeiro, e depois o vice brasileiro. Esse último deu à equipe o direito de disputar, em 2003, o Sul-Americano de clubes, criando oportunidade de tornar o nome da universidade conhecida internacionalmente. Enquanto o reconhecimento estrangeiro não chega, a assessoria de imprensa da UNIARA mede os efeitos conquistados dentro do país. Em janeiro de 2001, o time ocupou apenas 220 centímetros das três publicações de Araraquara. Um ano depois, logo que o time chegou à final do Campeonato Paulista, a cobertura da imprensa rendeu 14.888 centímetros. Além disso, comprovou-se que o número de matriculados no vestibular da instituição que tiveram conhecimento da escola por meio do basquete cresceu. Mas o modelo de Araraquara não é original. Foi implantado antes em Canoas, RS, onde, há sete anos, a Universidade Luterana do Brasil-ULBRA investe em atletismo, basquete, futebol, futebol de salão, handebol e voleibol. A primeira aposta foi o patrocínio da equipe de futsal do Internacional, um dos mais tradicionais do Estado. Em 1998, as modalidades tinham se desenvolvido de tal modo que a universidade criou o Sport Club Ulbra. Na prática, significava que a Ulbra deixava de ser mera patrocinadora para assumir a gestão dos times. Hoje, o clube é independente e a universidade funciona como uma das mantenedoras. Um modelo pioneiro no Brasil, mas que ainda está longe das práticas de sucesso das universidades norte-americanas e das possibilidades atuais das confederações esportivas no país. No ano passado, quando a equipe masculina de vôlei de Canoas chegou à final da Superliga, a principal competição brasileira da modalidade, o departamento

de marketing estimou que se as aparições do time em programas de TV e em matérias em veículos impressos fossem pagas, a equipe teria que desembolsar quase dez vezes mais o que havia investido. E não foi somente o vôlei que obteve bons resultados. A equipe de futsal da ULBRA é uma das mais competitivas do Brasil. Foi campeã da Liga Nacional em julho deste ano e conta com Lenisio, eleito o melhor jogador da competição no ano passado. Para a faculdade, o principal retorno ocorreu fora das quadras. Em sete anos, a ULBRA passou da terceira instituição do Estado do Rio Grande do Sul – atrás de EFRGS e UNISINOS – para a terceira do país em número de alunos. Segundo dados divulgados pela universidade, em 1995, o campus de Canoas contava com 10 mil matriculados. Até o início de 2002, essa quantidade quadruplicou. “Hoje, temos o primeiro curso de Educação Física do País, com quase 4 mil alunos. A associação com um esporte não corrompido fortifica a marca e esse foi um dos fatores essenciais para o nosso crescimento. Nós temos consciência e assumimos que investir em esporte é uma boa forma de marketing”, diz Roberto Tietz, supervisor do Sport Club Ulbra.

Para comprovar que o resultado não cumpre meramente funções institucionais, esta universidade cita o prêmio Top of Mind, recebido da revista Amanhã, no início de 2002: entre os 1,2 mil entrevistados (homens e mulheres de 18 a 65 anos e de todas as classes sociais), a ULBRA apareceu em primeiro na categoria “Universidade” e “Time de futsal”. “Isso é sinal de que as pessoas estão adotando a universidade como própria”, diz a professora Sirlei Dias Gomes, diretora da assessoria de comunicação social. Desde que se tornou independente da universidade, a ULBRA tenta firmar parcerias para manter as equipes. Em 1999, o time de Futebol de Salão teve o apoio da Telet, empresa gaúcha de telefonia celular, e foi campeão mundial na Rússia. O desempenho vitorioso da universidade nas quadras atraiu novos parceiros e, com o patrocínio da Telefônica, o time garantiu o terceiro lugar na Liga Nacional. Um ano depois, já com o nome de Ulbra/Chevrolet, o time era bicampeão mundial. “Fazemos o esforço para que os nossos patrocinadores sejam nossos parceiros. Queremos que eles participem mais do que simplesmente entrar com dinheiro em troca de propaganda. É importante que eles também possam contribuir em outras áreas da universidade”, diz Tietz. Inspirada nos resultados da ULBRA, a Universidade do Sul de Santa Catarina -UNISUL também mantém, há três anos, um clube independente, o Unisul Esporte Clube. O projeto para sua aplicação foi assinado por Renan Dal Zotto, ex-jogador de voleibol que integrou a Seleção Brasileira na conquista da medalha de prata na Olimpíada de Los Angeles. “Apresentei um projeto e a direção da universidade acreditou no marketing esportivo para conseguir que fôssemos conhecidos nacionalmente”, conta Renan. Em 1999, a equipe terminou a Superliga na segunda colocação e, nos dois anos seguintes, na terceira. “Tínhamos dois objetivos principais: o marketing em si e um idealismo em achar que poderíamos aliar o esporte à educação. Sabemos que temos de buscar sempre o bom desempenho da equipe, porque é isso que nos dá visibilidade”, completa.

Para medir os frutos do investimento, a universidade também contratou uma empresa especializada. Mais uma vez, sucesso garantido: para cada real investido, 18 de retorno. O próximo passo é finalizar o Complexo Olímpico: orçado em US\$ 4 milhões, leva o nome instituição e vem sendo realizado em conjunto com o

Ministério dos Esportes. A estrutura pretende atender às exigências das Confederações Internacionais. “A idéia é que daqui a alguns anos possamos fazer do clube um laboratório da universidade e tirar da UNISUL os profissionais que cuidem dos bastidores da equipe, do fisioterapeuta ao assessor de imprensa”, projeta Renan. Na ULBRA, esse modelo já foi implantado e em cada modalidade há pelo menos um estagiário do curso de Educação Física. Os alunos aprovam a iniciativa e a oportunidade de ingressar no mercado de trabalho. Alguns até têm realizado carreira de sucesso. Há dois anos, quando ainda era aluno, Marco Vinícius Bianchi foi indicado como assistente de treinador de goleiro da equipe de futebol de salão. Em pouco tempo tornou-se o treinador principal e, recentemente, foi contratado pelo El Pozzo, campeão espanhol. Além dos estagiários, a infraestrutura também é compartilhada. “Ter o suporte universitário é muito bom e nos traz muitos benefícios. Temos à nossa disposição o Laboratório de Pesquisa do Movimento, além de apoio de alunos de diversos cursos, quadras, infra-estrutura e material esportivo”, conta Tietz. “Os outros clubes não têm as mesmas vantagens”, acrescenta. Os atletas também ganham com a parceria. Nesses clubes, a falta de oportunidade e de tempo não serve de desculpa para interromper os estudos. Na maioria dos contratos, a bolsa para um curso de graduação entra na lista dos benefícios. Portanto, a programação da equipe é preparada pela comissão técnicas, levando em conta o horário de estudo do jogador. “Os técnicos pedem para que eles estudem. Vários optam pelo curso de Educação Física para poder contar com um diploma quando deixarem as quadras e, assim, poder atuar como técnicos ou fazer algo relacionado à área. Esse também é um vínculo a mais no momento da renovação do contrato: o atleta pensa duas vezes antes de sair do time, porque sabe que também terá de deixar a faculdade”, constata Mauro. A Universidade Braz Cubas-UBC, de Mogi das Cruzes-SP, foi a que mais recentemente passou a investir no basquete masculino. Ela é apenas uma co-patrocinadora da equipe da cidade, já que o principal apoio vem da Valtra, uma empresa de tratores. Agora, das 15 equipes inscritas no Campeonato Nacional, oito mantêm algum tipo de vínculo com centros universitários. Além do basquete, a UBC também patrocina dez times de beisebol, de várias idades, e o atleta de bodyboard Gustavo Martins, que disputa atualmente o Circuito Paulista da categoria. Um dos grandes obstáculos para o crescimento desses investimentos é a atual situação econômica brasileira. “É um período de muita dificuldade para as instituições de ensino superior, e não temos bola de cristal para saber até quando investiremos junto ao Mogi”, revela Saul Grinberg, pró-reitor administrativo da UBC. No entanto, o publicitário Rafael Sampaio acredita que a crise financeira pode acelerar a profissionalização do esporte brasileiro. “Na medida em que os recursos destinados ao marketing ficam escassos, a tendência dos patrocinadores é aplicar com mais cuidado e escolher os clubes mais bem estruturados”. Um processo que beneficiará tanto os clubes como as instituições de ensino.

Resumido de “A grande jogada das universidades”, Glaucia Nogueira, Ensino Superior, nº 47, 2003, disponibilizado em www.revistaensinosuperior.com.br

Universidade e basquetebol no Brasil, 2003

University and basketball in Brazil, 2003

O Grupo UNIVERSO com sede no Estado do RJ, constituído de Instituições de Ensino Superior de vários Estados, com o título da Supercopa Brasil conquistado por Brasília, em 2003, deve incluir cinco dos 16 times da edição 2004 do Campeonato Nacional de Basquetebol, todos pré-candidatos ao título. A Universidade Salgado de Oliveira já havia colocado três equipes na disputa dos campeonatos de 2002 e 2003. Neste ano, inclusive, houve um quase monopólio na semifinal, com os três times disputando o título com o COC/Ribeirão Preto, que acabou vencedor. A perda do troféu, ainda inédito para o grupo, não foi considerada um revés. "O importante é o nome da universidade aparecer. Não precisa nem ser campeão. Tive um retorno fantástico no último Nacional", festejou Wellington Salgado de Oliveira, presidente da instituição, que fornece orçamentos independentes para cada elenco. Esta quantidade de equipes torna a UNIVERSO a chave do futuro do basquetebol no país, e sem o seu apoio o projeto de uma liga independente de basquetebol, iniciativa da Sportlink, empresa de marketing esportivo do Rio, pode não se tornar realidade. E há ainda interesse em ter até quatro equipes no novo campeonato. Antes disso, no Nacional de 2004, a satisfação de Oliveira com o retorno publicitário tende a aumentar. Além do Universo/Brasília, já estão no Campeonato, o Universo-Minas e a Unit/Uberlândia, que fazem a decisão do Campeonato de MG. Na versão do evento em Goiás, o Ajax disputa as finais contra o Jaó e o Jóquei Clube, times semi-amadores, e deve garantir facilmente a vaga. No Rio, o Universo/Campos joga a semifinal do Estadual contra o Vasco, numa competição que coloca três times no Nacional. "Mas o Vasco parece que não irá disputar o Nacional. Independentemente disso, nosso objetivo é conquistar o título", declarou o técnico Guerrinha, referindo-se a uma conquista que seria inédita ao clube do interior do RJ. Com tais investimentos, a UNIVERSO passou a receber alguns privilégios da Confederação Brasileira de Basquete. Em 2002, por exemplo,

a universidade ampliou seu poder ao patrocinar o time do Minas. Para o campeonato seguinte, ela fortaleceu o lobby por duas vagas para o Estado. Pedido aceito, os classificados de 2003, Uberlândia e Minas, coincidentemente, eram ligados à instituição de ensino. No ano passado, conseguiu que o campeão goiano fosse diretamente para o Nacional de 2003, facilitando o caminho do Ajax. Com isso, pôde investir em uma nova praça, Brasília, para disputar a Supercopa Brasil, classificatório para times periféricos do país. E Brasília desbancou os paulistas da Hebraica e do Paulistano, que eram apontados como favoritos à conquista do campeonato.

Além do basquete, o Grupo Universo já investe em outros esportes. Até hoje, seu projeto esportivo mais bem-sucedido é o time de handebol feminino do Universo-Mauá, de São Gonçalo-RJ. A equipe conquistou dois títulos da Liga Nacional, em 1999 e 2003. Neste ano, impediu o tetracampeonato do Guarú, equipe mais vitoriosa da história da liga. Da seleção brasileira que disputa o Mundial da Croácia, três jogadoras atuam na equipe do Universo. A unidade de Recife investe em outro esporte, o futsal, que participa de competições locais. O time pernambucano, no entanto, ainda não esteve em qualquer dos dois principais campeonatos do país, a Taça Brasil e a Liga Futsal. Fora das quadras, a universidade começa a se expandir: a Unit, unidade de Uberlândia, além de já contar com o time de basquete mais antigo da empresa, quer criar uma equipe de futebol. A Associação Esportiva Unit deve começar modestamente, disputando a terceira divisão do Campeonato Mineiro.

Resumido de "Universidade se expande e põe em risco elite do basquete no Brasil" Adalberto Leister Filho, Folha de S.Paulo – 04/12/2003; e de "Mídia: Universidade e Basquetebol", em CEVIESEF, lista do Centro Esportivo Virtual-CEV, 16/01/2004 (Darwin Ianuskiewtz).

Federações universitárias filiadas à CBDU, 2003

CBDU affiliated federations per state, 2003

Federação de Desportos Universitários Acreanos – FDUA (AC)
Federação Acadêmica de Desporto do Amapá – FAD- (AP)
Federação Alagoana do Desporto Universitário – FADU – (AL)
Federação Amazonense Universitária de Desportos – FAUD – (AM)
Federação Universitária Bahiana de Esportes – FUBE – (BA)
Federação Universitária Cearense de Esportes – FUCE – (CE)
Federação do Esporte Universitário do Distrito Federal – FESU – (DF)
Federação Universitária de Esportes Capixaba – FUEC – (ES)
Federação Goiana de Desportos Universitários – FGDU – (GO)
Federação Acadêmica Maranhense de Esportes – FAME – (MA)
Federação Universitária Mineira de Esportes – FUME – (MG)
Federação Universitária de Esportes de Mato Grosso do Sul – FUEMS – (MS)
Federação Mato-grossense de Esportes Universitários – FMEU – (MT)
Federação de Esportes Universitários do Pará – FEUP – (PA)
Federação Acadêmica Pernambucana de Esportes – FAPE – (PE)
Federação Acadêmica de Esportes Piauiense – FAEP – (PI)
Federação Paraibana de Desportos Acadêmicos – FPDA – (PB)
Federação Paranaense de Desportos Universitários – FPDU – (PR)
Federação De Esportes Universitários do Rio De Janeiro – FEURJ – (RJ)
Federação Norte-rio-grandense de Desportos Universitários – FNDU (RN)
Federação Rondoniense de Desportos Universitários – FRDU – (RO)
Federação Atlética de Estudantes em Sergipe – FAES – (SE)
Federação Universitária Gaúcha de Esportes – FUGE – (RS)
Federação Catarinense do Desporto Universitário – FCDU – (SC)
Federação Universitária Paulista de Esportes – FUPE – (SP)
Federação Universitária de Esportes do Tocantins – FUET – (TO)